

Programa
Viva a Palavra
como espaço de
desaprendizagem:
um exercício em
Pragmática Cultural

Gílian Gardia Magalhães Brito¹
Antonio Oziêlton de Brito Sousa²
Bruna Santos Silva³
Claudiana Nogueira de Alencar⁴

RESUMO

No presente artigo, delineamos a perspectiva da desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006) no âmbito do Programa de Extensão Viva a Palavra da Universidade Estadual do Ceará, com enfoque na práxis que move as ações que promovem o diálogo e a integração entre extensão, pesquisa e ensino. Nesse sentido, objetivamos mostrar como as práticas do Programa denotam novas possibilidades de tratar a linguagem, como uma trama movente (FABRÍCIO, 2006). Para tal, tomamos como base a Pragmática Cultural (ALENCAR, 2014a/b, 2015), entendida como um modo de fazer Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) partindo, assim, da possibilidade de uma desaprendizagem. Essa perspectiva tem contribuído para a construção de novas abordagens para os estudos críticos da linguagem ao nos voltarmos de modo mais dinâmico e sensível às problemáticas cotidianas de sujeitos historicamente situados. Considerando que as ações do Viva a Palavra se configuram com base no método cartográfico, que acompanha processos em curso, entendemos que essas ações constroem pesquisa (extensão e ensino) participante em um processo político e ético. Dessa forma, a desaprendizagem consiste em aprender outros modos de produzir conhecimento com e para os sujeitos no mundo moderno capitalista colonial, fortalecendo práticas decolonizadoras (SANTOS; MENEZES, 2010; GROSFUGUEL, 2010; QUIJANO, 2005; FREIRE, 2007, 2013) e de reexistência (SOUSA, 2011) na e pela linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Viva a Palavra. Desaprendizagem. Pragmática Cultural.

1 Mestra e Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); e-mail: gilian.brito@aluno.uece.br

2 Mestre em Educação e Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); e-mail: ozielton.sousa@aluno.uece.br

3 Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do CEARÁ (UECE); e-mail: bruna.santos@aluno.uece.br

4 Mestra e doutora em Linguística pela Unicamp, com pós-doutorado em Semântica/Pragmática também pela Unicamp; e-mail: claudiana.alencar@uece.br

1 INTRODUÇÃO

No presente artigo, preocupamo-nos em refletir sobre a práxis nas ações do Programa de Extensão Universitária da Universidade Estadual do Ceará, cujas principais atividades são realizadas na comunidade da Serrinha, bairro situado no entorno da universidade. Tais atividades, vimos percebendo, situam-se ao largo de demandas da própria comunidade, como um processo de escuta constante.

Desse modo, a partir desse artigo, à luz de teorias da Linguística Aplicada em diálogo com a Pragmática Cultural, pretendemos discutir a relevância dessas atividades para a comunidade, seus processos de construção dentro de uma perspectiva de desaprendizagem evocada pelas tramas moventes⁵ (FABRÍCIO, 2006) das teorias e das práticas sociais situadas em contextos reais de interação.

Para tanto, na primeira parte desse texto, discutiremos as novas abordagens da Linguística Aplicada, o enfoque dado pelas noções de transdisciplinaridade, indisciplinaridade e desaprendizagem, posturas teóricas que consideram as tramas moventes do mundo moderno.

Em seguida, pautamos o debate a partir de uma visada da Pragmática Cultural, de forma a entender a linguagem com todas as complexidades que ela apresenta, como ato de fala integral, constituída de suas dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas, argumentando que a prática linguística é sempre situada e ideológica.

Finalmente, apresentamos o Programa Viva a Palavra como espaço de construção de conhecimento situado como epistemologia decolonial, espaço de desaprendizagem, cujas atividades, envolvendo pesquisa, ensino e extensão, valorizam o conhecimento de sujeitos (da periferia) cujas vozes são sócio e historicamente relegadas do campo das instituições acadêmicas, subvertendo, assim, a lógica positivista de produção de conhecimento, produzindo saberes a partir de seus jogos de linguagem: rap, poesia, música, sarau, círculos de leitura, educação popular e outros como letramentos de resistência.

2 LINGUÍSTICA APLICADA: NOVOS ENFOQUES

Para tratar das práticas do Programa Viva a Palavra como espaço de desaprendizagem, interessa-nos antes pensar a Linguística Aplicada (doravante LA) dentro de um campo discursivo que se move entre a teoria e algumas práticas sociais por meio das quais são evocadas, as primeiras, nas tramas do cotidiano, estabelecendo-se como uma luta de identidades, contestando discursos e práticas entendidos como hegemônicos⁶.

5 Fabrício (2006) reflete a área da LA a partir da dinamicidade na contemporaneidade, sob os efeitos do que se aglutina como processos da globalização.

6 Entenda-se hegemonia à luz de Gramsci (1971) e Fairclough (2016), como muito além da relação de dominação e subordinação, mas como luta sobre pontos de instabilidade, por onde se permite manter ou romper alianças em tais relações, assumindo formas econômicas, políticas e ideológicas.

Desde a década de 1990 tem-se obtido algum consenso em torno do(s) objeto(s) de pesquisa da LA (ROJO, 2006). O que mais nos parece certo afirmar é a relação dos postulados com a noção conceitual de transdisciplinaridade e pós-modernismo, isso a partir de uma conduta ou fazer ético que interliga o pesquisador e a pesquisa a algumas questões de interpretação-intervenção em contextos reais nos quais as práticas sociais são intrinsecamente situadas.

Dessa forma, a LA tem construído um diálogo com outras disciplinas e mudado o jeito de produzir conhecimento em ciências sociais, de tal forma que as suas próprias tramas discursivas se confundem nos laços de outros sujeitos, outras vozes, outros saberes. Essas vozes, situadas nas práticas sociais, e em cuja pesquisa se entrelaçam, constituem foco e ponto de vista necessários a uma linguística mestiça, indisciplinada, outrossim, decolonial.

Poderíamos, à guisa de exemplificação dos problemas da contemporaneidade, recorrer de imediato à questão da globalização e pensar se um país, por exemplo o Brasil, dito em desenvolvimento, e com todas suas mazelas sociais, poderia estar a par de questões mais globais como países desenvolvidos? Não obstante, pensar as questões locais requer um posicionamento crítico em torno de problemas similares: como a periferia é vista e se vê com relação a políticas de acesso à educação, cultura, arte e lazer – para não mencionar o acesso a outros bens fundamentais – que se diferem das políticas geradas nos grandes centros urbanos?

Tais problemas podem e devem se resumir apenas a teorizações do tipo positivista? Ou ainda: à Linguística aplicada cabe apenas o papel de extrair, isolar os problemas das práticas sociais situadas, sem o compromisso ético de preocupar-se com os sujeitos históricos?

Quando Moita Lopes (2006), baseando-se em Aronowitze Giroux (1991), propõe uma Linguística Aplicada indisciplinar e mestiça refere-se, sobretudo, a uma postura ética, a uma nova forma de ver para além de discursos pré-estabelecidos, únicos, incontestáveis e imutáveis, agora sim, que se quer que transgrida os limites disciplinares, posto que a complexidade dos problemas contemporâneos e a natureza das novas epistemologias incitam um novo fazer *com* outros sujeitos, múltiplos, mestiços, outras disciplinas - ou indisciplinas, igualmente mestiças. Isso, sem omitir, por assim dizer: o posicionamento ideológico e político dos sujeitos em questão.

Já para Fabrício (2006), a convivência simultânea de diversos paradoxos (racionalismo e irracionalismo, cientificismo e misticismo etc.), convivendo em repleto movimento, não seria uma característica singular da contemporaneidade, mas que o mundo opera nessas relações de continuidade e ruptura desde a mais tenra época. A despeito disso, é expressivo dizer que é mais ainda na contemporaneidade que as noções de fluxo contínuo e trama movente têm dirigido novas epistemologias.

É nessa perspectiva das tramas moventes que Fabrício (2006) explicita as mudanças em torno das abordagens de pesquisa em LA, apontando para uma concepção de linguagem como prática social e, portanto, sobre

sua necessidade de observá-la em uso, sem lhe extinguir, por sua vez, os aspectos que lhe são condicionados ou condicionantes, a exemplo das ideologias e relações de poder.

É, de certa forma, passível de se imaginar quão árdua tarefa de redimensionar o olhar sobre determinadas posturas epistêmico-metodológicas a partir de quais discursos, constituídos historicamente como hegemônicos dentro das instituições de pesquisa, quebrar as amarras de pensamentos fundantes, para não dizer tradicionais. E, aqui, temos o cuidado de relativizar a tensão discursiva em torno da reflexão sobre a importância também de estudos mais tradicionais, não as destituindo de seu valor, mas pensando com base em outras perspectivas, que sentido dar a elas (às pesquisas tradicionais) se não tocam as relações das tramas moventes das ações sociais, sobre sujeitos marginalizados sob sua própria ótica ou construindo (sem eles) os sentidos das práticas languageiras do cotidiano?

Constitui-se de um exercício de difundir e reconstruir, tecer uma teia dialógica a partir da qual uma cadeia de discursos mais fluidos, ao longo de anos de história, tendem a conviver com outros tantos forjados, rijos, insolúveis às precipitações de discursos contra hegemônicos. É ainda necessário repensar tais fluxos de linguagem, apresentando os significados gerados também por seus atores e atrizes em suas práticas cotidianas.

No mais, o que tem feito a linguística aplicada na precipitação de entender a linguagem a partir dos fluxos moleculares da contemporaneidade? Refletir, dialogar, romper a estrutura molar de seus próprios arquétipos fundacionais; refletir sobre a sua própria identidade “esbranquiçada”, elitista, distante de fins e sujeitos sociais; banhar-se de e por outras e múltiplas vezes em rios de águas sempre moventes; estar à margem, mestiçar-se; reexistir com o outro, reexistir com (sendo) tantos outros, cujas vozes são historicamente amordaçadas; destituir a torre da ciência moderna, positivista; pluralizar e dinamizar a engenhosa máquina discursiva com seus engendramentos solidificados de mercado e nas cenas do capitalismo tardio; desaprender!

A ideia de desaprendizagem, a que recorremos de Fabrício (2006), impõe-nos a pensar a LA a partir da relação que essa estabelece entre os discursos produzidos por sujeitos situados e que, por sua vez, estão em posicionamentos no mundo sempre moventes. Sendo assim, desaprender é estar também a reinventar significados, isto é, deixar o lado fronteiro das disciplinas, dialogar entre/trans/disciplinarmente e considerar vozes e discursos nem sempre ouvidos.

Para a análise e interpretação disso, obviamente, está o sujeito pesquisador(a), também advindo de um lugar real, contexto situado histórico-socialmente, com posicionamento político e ideológico. Sua reflexão evidentemente deve ser perpassada pelo crivo de uma ética reflexivo-transformadora de seu próprio discurso, do mundo que ajuda a construir, transformar, observando que esses discursos sejam compreendidos à luz de certas ideologias de seu tempo-espaço.

O cuidado com o fluxo movente do mundo, da realidade, não é privilégio da contemporaneidade. Na antiguidade clássica, os chamados mobilistas já problematizavam a ideia de estabilidade. Heráclito foi um desses exemplos, a partir de sua metáfora de que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, porque nem o sujeito nem o rio são mais os mesmos. Assim também, na contramão de uma metafísica, Nietzsche, Foucault e Wittgenstein contribuíram para a construção epistemológica de teorias de percepção menos estáveis ou rígidas (FABRÍCIO, 2006).

À guisa de relacionar as contribuições desses autores ao aspecto social da linguagem, podemos inferir as questões que seguem. Ambos questionam em menor ou maior grau o modo essencialista de ver o mundo e deram suporte a orientações genealógicas ou socioconstrutivistas nas pesquisas em ciências sociais, conseqüentemente, assim, pretende-se a Linguística Aplicada hoje.

Para Nietzsche (1982/2001 apud FABRÍCIO, 2006, p. 54), “o discurso sobre as coisas é que cria as coisas em si”. Pode-se inferir a ideia de discurso como construto social, posto que ninguém cria as coisas em si, sozinho. Além disso, a genealogia proposta pelo filósofo convida-nos a pensar a partir de um viés historicista e não teleológico. Isso influenciou, inclusive, pensadores como Foucault.

A construção do conceito foucaultiano de *ordens do discurso* permite-nos pensar a realidade como efeito. A partir disso, agimos conforme domínios de saber produzidos que incitam produções de discursos e que regem comportamentos considerados a partir de determinados padrões de “normalidade” ou “desvios”. Os regimes de verdade, portanto, são um construto de forças que regem crenças, desejos, valores, formas de agir e ser (FABRÍCIO, 2006). Nessa perspectiva, pensar as noções de verdade seria, pois, atribuir sentido e valor a partir de discursos mais ou menos hegemônicos que são mantidos ou contestados, isto é, estão sempre em processo, constante movimento.

Por sua vez, a teoria dos jogos de linguagem de Wittgenstein pressupõe um caráter público de significação, cujo uso se faz premissa (FABRÍCIO, 2006). Não há significado anterior ao uso, por assim dizer. A significação vai acontecendo conforme os sujeitos significam por intermédio de processos intersubjetivos. Jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1989), nesse sentido, são compreendidos como construtos sociais, cujas articulações do momento da interação e sua aceitação/negação pelos sujeitos interactantes movem sentidos.

As contribuições desses autores fomentam a pesquisa em LA reflexiva, consciente de seu caráter discursivo e produtor de jogos relativamente estáveis, com a tendência e preocupação à mudança social a qual se agencia como um projeto ético e político de mudança e transformação social, porque além de ver a si como mutante, movente, observa o mundo como potente às mudanças, mas mudanças suleadas por princípios de libertação e autonomia.

A orientação crítica da LA incide sobre aspectos de sua própria ética, estabelece-se com uma agenda de discursos decoloniais⁷, de uma nova pragmática, engajada, aos quais nos deteremos a seguir.

Por decolonialidade, entendemos os processos que buscam subverter os padrões da colonialidade, resíduos das práticas coloniais que operam sobre as práticas da modernidade. É assim que vemos o Programa de extensão Viva a Palavra em sua práxis com orientação dialógica sobre as práticas desenvolvidas por seus participantes, de modo horizontal, e com fins de combater o extermínio das juventudes pretas, periféricas a partir do desenvolvimento e apoio de suas práticas de letramentos de resistência.

3 PRAGMÁTICA CULTURAL: UM DIÁLOGO COM A LINGÜÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR

O Programa de Extensão Viva a Palavra articula comunidade e universidade, viabilizando, assim, o desenvolvimento de inúmeras ações no âmbito da extensão, pesquisa e ensino a partir de fluxos delineados *com* os sujeitos envolvidos. Dessa maneira, promove reflexões e ações, práxis, a partir dos pressupostos da Pragmática Cultural (ALENCAR, 2014a), perspectiva da Nova Pragmática, que tem contribuído para a efetivação dos estudos críticos da linguagem, por meio de teorias e práticas que fortalecem o campo da Linguística Aplicada denominado como InDisciplinar (MOITA LOPES, 2006).

A Nova Pragmática configura-se como uma fase da Pragmática que conseguiu se desvencilhar dos estudos linguísticos segregacionistas, que impediam os pesquisadores de encarar a linguagem com todas as complexidades que ela apresenta. Propõe que a linguagem seja investigada enquanto ato de fala (AUSTIN, 1990), levando em conta, de forma integrada, todas as dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas, argumentando que a prática linguística é sempre situada e ideológica (RAJAGOPALAN, 2014).

Desse modo, a partir de Alencar (2013), podemos entender que, ao propor a interação linguística concreta de pessoas reais, considerando os sujeitos como historicamente situados, capazes de intervir no mundo por meio de suas práticas nos diversos jogos de linguagem reais em que interagem, a Pragmática Cultural configura-se como uma das formas de praticar a Nova Pragmática, ou seja, uma Pragmática em que:

7 “Eduardo Restrepo e Axel Rojas explicam que, da mesma forma que é preciso fazer uma distinção analítica entre colonialismo e colonialidade, não se deve também confundir descolonização com decolonialidade. Por descolonização entende-se o processo de superação do colonialismo, geralmente associado às lutas anticoloniais no marco dos Estados que resultaram na independência política das antigas colônias. A decolonialidade refere-se ao processo que busca transcender historicamente a colonialidade e, de acordo com estes autores, supõe um processo com um projeto mais profundo e uma tarefa urgente para o nosso presente de subversão do padrão de poder colonial (2010 apud RESENDE, 2014, p. 52).

Em outras palavras, o pesquisador social e politicamente comprometido com seus pesquisados deve não só disponibilizar os frutos de sua pesquisa com eles, mas levar em consideração seus anseios e suas queixas, enfim confiar neles e na racionalidade de seus pensamentos, ainda que, no fim das investigações, muitas das suas idéias (*sic*) se revelem equivocadas ou corrigidas. Para que isso ocorra, é preciso ter um pouco mais de humildade e prontidão para escutar os informantes, os leigos, e não tratá-los como simples fornecedores de nossos dados (RAJAGOPALAN, 2014, p. 120-121).

Nesse contexto, a Pragmática Cultural está vinculada aos estudos críticos da linguagem e foca na interação linguística concreta de pessoas reais, voltando-se para aspectos do cotidiano e suas dimensões de sociabilidade e política. Assim, materializa a superação da concepção que “[...] gerou o homem cartesiano que se sonhou senhor de si mesmo e, portanto, capaz de olhar o mundo sem se misturar com ele [...]” (ARROJO; RAJAGOPALAN, 1987, p. 19).

Alencar (2015), ao delinear essa abordagem dos estudos críticos da linguagem, a Pragmática Cultural, leva em conta a ideia da significação como uso linguístico e como ação de L. Wittgenstein (1989), concebendo a linguagem como uma forma de vida; a linguagem como ação, por meio da teoria dos atos de fala de Austin (1990), desconsiderando a releitura feita por Searle; e as noções de palavra mundo, palavra vida de Freire (2013), materializadas na linguagem como ação-reflexão-ação, ou seja, linguagem como práxis.

Por isso, devemos considerar que, a partir das Investigações Filosóficas, Wittgenstein (1989) compreende que os significados são produzidos na cultura, nas atividades do cotidiano, como forma de vida. Nisso implica que o uso de signos não reduz a linguagem a uma gramática *a priori*, mas como mutante na interação do cotidiano das pessoas, como jogos, como forma de vida.

Assim, os conhecimentos ditos linguísticos (e extralinguísticos) são integrados de um modo altamente complexo e não segregados (ALENCAR, 2009). Vale salientar que, para Austin (1990), o ato de fala é o desdobramento de três atos: locucionário, ilocucionário e perlocucionário. O primeiro diz respeito à produção de sons e articulação dos elementos sintático-semânticos; o segundo diz respeito ao que fazemos ao dizermos algo; finalmente, o terceiro, resulta no efeito sobre o interlocutor de quem produziu o primeiro ato.

Não obstante, para Austin (1990), o ato de fala é performativo, pois sempre que falamos, estamos fazendo algo. Segundo essa concepção, ao utilizar a linguagem, realizamos ações no mundo social. Quando pronunciamos uma sentença, não estamos apenas dizendo, mas realizando uma ação. Quando empregada, então, em contextos específicos, a linguagem performatiza ações e produz significados. Algumas palavras, ao serem proferidas, podem ser performativas não por relatarem um fato, mas por realizarem ações específicas.

Ao materializar os atos de fala, os jogos de linguagem possibilitam a constituição da práxis, que se trata de uma categoria abordada por Paulo Freire (2013), fundada no diálogo, na reflexão e na ação transformadora da realidade, contribuindo para a realização de ações libertadoras e revolucionárias.

Ao nos reportarmos aos sujeitos que vivem à margem da sociedade e oprimidos pelo neoliberalismo, compreendemos que, por meio “[...] de uma práxis verdadeira, superam o estado de objetos, como dominados, e assumem o de sujeito da história (FREIRE, 2013, p. 216)”. Diante disso, a práxis “[...] sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (FREIRE, 2013, p. 127), possibilitando a transformação da realidade opressora.

Considerando a constituição da Pragmática Cultural, que transpõe as barreiras disciplinares e transgride diversas abordagens teóricas, entendemos que essa perspectiva de estudo da linguagem não pode apenas ser descritivista ou interpretativista, mas configura-se como uma investigação-ação, de maneira que os elementos do mundo também são constitutivos da linguagem, por isso, sujeitos, instituições, ideologias, tempo e espaço não são externos à linguagem, mas delimitados e específicos a determinados jogos de linguagem (ALENCAR, 2015).

A partir dessa abordagem, podemos realizar práticas de ensino, pesquisa e extensão, considerando as relações entre macro e microestruturas de maneira integrada, construindo enfoques a partir das filosofias da linguagem de Wittgenstein e Austin, bem como da filosofia da práxis delineada em Freire. As práticas cotidianas do Viva a Palavra têm construído possibilidades de uma análise dos atos de fala a partir dos jogos de linguagem capazes de constituir caminhos para uma práxis revolucionária.

O desenvolvimento do programa tem permitido a construção de processos que trabalham a linguagem livre das amarras sistêmico-imanentes, e residuais da colonialidade, possibilitando que - no âmbito das disciplinas de Projetos Especiais, da produção científica de mestrado e doutorado e das práticas de extensão - os diversos fatores que são inerentes à atividade linguística sejam integrados às formas concretas de viver e de produzir sentidos por meio das práticas sociais de linguagem (FERREIRA; ALENCAR, 2016).

Diante disso, ficam evidentes os possíveis diálogos entre a Pragmática Cultural e a Linguística Aplicada Indisciplinar: ambas buscam novos modos de teorizar e de fazer, na prática, estudos linguísticos; são comprometidas do ponto de vista ético e socialmente engajadas com a transformação social; constroem um aparato teórico-metodológico integracionista; constituem-se com base na autorreflexão e na práxis; buscam diálogos com outras áreas do saber; consideram o sujeito social como múltiplo e heterogêneo; valorizam outras epistemologias, outros sujeitos e outras formas de vida para além do que vem sendo (im)posto como único pelo sistema capitalista moderno colonial, trazendo à tona as vozes do sul e os sujeitos que historicamente foram colocados nos *loci* subalternos do sistema-mundo-eurocêntrico; são problematizadoras e propõem a transformação social.

A partir das relações existentes entre os modos de fazer inerentes à Linguística Aplicada Indisciplinar, defendida por Moita Lopes (2006), e ao domínio da Pragmática Cultural, preconizada por Alencar (2015), podemos afirmar que as abordagens dessa Pragmática em relação à linguagem têm possibilitado a construção de práticas contra hegemônicas, que a configuram como uma epistemologia decolonial.

Agora, falaremos sobre as ações do Programa Viva a Palavra, os desdobramentos de suas práticas sociais, seu compromisso ético, a perspectiva social e política da linguagem e sua contribuição enquanto epistemologia decolonial.

4 PROGRAMA VIVA A PALAVRA COMO UM ESPAÇO DE DESAPRENDIZAGEM: UM MODO DE FAZER

Pensar a Pragmática Cultural enquanto epistemologia decolonial, necessariamente, é compreender que ela constrói um diálogo horizontal, valorizando o conhecimento de sujeitos historicamente subalternizados e propondo a integração entre os saberes ditos acadêmicos e os populares. Assim, os trabalhos desenvolvidos no âmbito do Viva a Palavra, ao promoverem a integração entre os sujeitos e subverter a lógica de produção de conhecimento positivista, coadunam com o que Santos (2006) vem definindo como ecologia dos saberes.

É nesse sentido que o campo de uma Linguística Aplicada contemporânea indisciplinar (LOPES, 2006), sob a orientação de uma trama movente (FABRÍCIO, 2006), implica considerar a linguagem como política. A pesquisa em LA indisciplinar se configura na “contramão” de uma linguística propagadora de hegemonias na e pela linguagem (PINTO, 2014), entendendo sempre que linguagem está relacionada à política (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Esta concepção nos ajuda a entender a importância das práticas linguísticas também como elemento ético, como nos afirma Rajagopalan (2003):

Ao perguntar quais as considerações éticas, ideológicas e políticas que subjazem a determinadas posturas teóricas, estamos em verdade inquirindo as condições em que o novo “saber” se produz e se reproduz. Estamos procurando entender, entre outras coisas, quais os recortes que o novo saber efetua, e ao fazer isso, quais exclusões ele legitima. A preocupação principal aqui é dar largada a uma discussão acerca dessas questões com a esperança de que ela traga subsídios para uma maior conscientização do aspecto ético das nossas práticas teóricas (RAJAGOPALAN, 2003, p.22).

Inscreve-se neste cenário o Programa de Extensão Viva a Palavra: Circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra da periferia de Fortaleza (ALENCAR, 2014b)⁸, que tem como principal objetivo fortalecer as práticas

⁸ O Programa de Extensão Viva a Palavra: Circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra da periferia de Fortaleza é coordenado pela Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar da Universidade Estadual do Ceará, desde 2014. O programa busca fortalecer as

de letramento crítico da juventude que reside nas comunidades periféricas; e contribuir, por meio do uso social da linguagem e de seu trabalho terapêutico e emancipatório, “para o desenvolvimento da conscientização crítica e resistência da juventude negra, para a promoção da cultura de paz e para valorização da vida do jovem negro na comunidade” (ALENCAR, 2014b, p. 4).

O programa faz parte de um projeto maior intitulado Por uma Pragmática Cultural: Cartografias decoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano⁹, que se orienta segundo o método cartográfico, ou seja, consiste em acompanhar processos em curso, “desenhar a rede de forças a qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente” (BARROS; KASTRUP, 2009, p.57), construir “mapas traçados não apenas sobre, mas também a partir das margens” (MARTÍN-BARBERO, 2004, apud LÍBANO, 2011, p.5).

Ao considerar a discussão proposta por Fabrício (2006), entendemos o Viva a palavra como um espaço de desaprendizagem, no que diz respeito a sua constituição como processo, uma vez que, ao dialogar extensão, pesquisa e ensino,¹⁰ impele a todos os sujeitos envolvidos em sua prática, sejam pesquisadores, voluntários, moradores da comunidade e/ou integrantes de movimentos sociais, por meio de um processo dialógico de construção coletiva a aprender *com* o outro, em uma soma paciente e impaciente de palavra-vida (FREIRE, 2007).

É exatamente esta metodologia que possibilita acompanhar as tramas moventes no contexto periférico, para além de uma realidade estagnada, de forma condicionada e condicionante. Assim, a pesquisa em Pragmática Cultural, que visa uma transformação social, por meio desse percurso de mapeamento, funciona também como modo de compreender a comunidade de modo amplo e crítico, tendo como platô, ponto de multiplicidades (DELEUZE; GUATTARI, 2011), suas gramáticas culturais e o modo como essas práticas performam e fortalecem uma identidade-memória manifestada nos letramentos da comunidade. É seguindo esta perspectiva que tem se configurado o processo de seis anos de atuação do Programa Viva a Palavra¹¹.

práticas de letramento crítico da juventude que reside nas comunidades do entorno do Campus do Itaperi (Fortaleza- CE), por meio de atividades artísticas, culturais e educativas, que envolvem extensão, pesquisa e ensino de modo integrativo e dialógico.

9 Este projeto está inserido na linha de estudos da Nova Pragmática (RAJAGOPALAN, 2010), a Pragmática Cultural, que tem analisado as práticas culturais como jogos de linguagem (ALENCAR, 2008, 2010). Busca cartografar as epistemologias do Sul (SANTOS; MENESES, 2010), os fluxos, as redes e socialidades subalternas, por meio dos traços linguísticos de suas cosmologias e dos jogos de linguagens, constitutivos de gramáticas culturais do cotidiano.

10 Vinculadas ao Programa de Extensão Viva a Palavra existem pesquisas concluídas e em andamento (2014-2021) de Iniciação científica, mestrado e doutorado. O programa também possui bolsas de extensão e, atualmente (2021), constrói, em diálogo com a Associação de Moradores do Bairro Serrinha (AMORBASE), com os Movimentos sociais periféricos da Serrinha (Círculos de leitura, MARPE, Ensaio Rock, Enquadro Rap) e a E.E.F Jáder Moreira de Carvalho um cursinho popular preparatório para o ENEM, orientado segundo os fundamentos críticos e políticos da Educação Popular em diálogo com a Aprendizagem Cooperativa, direcionado aos moradores da comunidade.

11 O programa iniciou em 2015.

São desenvolvidas no programa atividades culturais e políticas, produção de Saraus e Atos de luta, de letramentos críticos e de reexistência (SOUZA, 2011), como é o caso do contexto das Oficinas de contação de histórias e dos “Círculos de leitura”, e de ensino, com a produção do Cursinho Popular Viva a Palavra e a oferta de disciplinas em Educação popular, na Graduação em Letras da Universidade Estadual do Ceará, os círculos e outros processos de mediação de leitura, os círculos de paz, que se desdobram, atualmente, em pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado. É importante ressaltar que cada uma dessas práticas se estruturou ao longo de um processo de escuta e construção coletiva, sempre em diálogo com os movimentos socioculturais e com os moradores do Bairro Serrinha e dos demais contextos periféricos em que o programa atua (bairros Serrinha, Jangurussu, Curió, Antônio Bezerra, entre outros na Cidade de Fortaleza - CE).

Atualmente, o Viva a Palavra tem se direcionado para a demanda de construção do Cursinho Popular Viva a Palavra, que veio agregar ainda mais o caráter de formação docente e discente ao programa. Esta ação iniciou em 2018 e se desdobrou após o pronunciamento de um jovem morador do Bairro Serrinha, que integra vários movimentos socioculturais da comunidade, de que essa era uma das principais necessidades da juventude. Este processo tem se construído de modo crítico, segundo as orientações da educação popular¹² em diálogo com a aprendizagem cooperativa,¹³ a partir de uma perspectiva política, e tem agregado voluntários universitários das universidades Estadual (UECE) e Federal do Ceará (UFC).

Percebemos, portanto, que as atividades do programa Viva a Palavra se inserem em um campo político de ação, por meio da tríade pesquisa-ensino-extensão. Sua metodologia, de natureza cartográfica, permite que alunos, pesquisadores/as, professores/as, membros da comunidade atuem a partir de jogos de linguagem como formas de vida possíveis, mediante a percepção da possibilidade de mudança. Não é apenas de uma mudança epistêmica de que falamos, mas, a partir dela, a mudança nas relações sociais e os laços de dominação e subordinação se permitem ser ressignificados: moventes.

5 CONCLUSÃO

Segundo Alencar (2013), para Rajagopalan, a única garantia de sobrevivência da nossa profissão é partirmos para a criação de novas técnicas e práticas que possam nos ajudar a intervir diretamente na sociedade e, assim, conferir aos estudos da linguagem a relevância social de que tanto carecem. É essa a importância de uma Pragmática Cultural socialmente compromissada, que se faz ao considerar o ponto de vista dos sujeitos que vivem essa realidade.

12 A educação popular diz respeito a “práticas referenciadas na educação como prática da liberdade proposta pelo educador Paulo Freire” (SOUZA, 2014, p. 13).

13 A aprendizagem cooperativa visa “promover interação entre indivíduos de forma que sua participação no grupo ao qual pertencem seja valorizada e, assim, cada um reconheça a si e ao outro como promotores do conhecimento” (MOURA; MELO, 2017, p. 533).

Dessa forma é que, neste estudo, consideramos a importância de uma desaprendizagem, no que diz respeito aos estudos contemporâneos da linguagem e, principalmente, à concepção segregadora de que, normalmente, é feita entre extensão, pesquisa e ensino, nas universidades; também entre sujeitos e pesquisadores(as).

Ao partir da prática do Programa Viva a Palavra, percebemos como é necessário voltarmos-nos para outros modos de gerar conhecimento, e fortalecer as práticas decolonizadoras (SOUSA; MENEZES, 2010; GROSFOGUEL, 2010; QUIJANO, 2005; FREIRE, 2007, 2013) e de reexistência (SOUSA, 2011), principalmente, nos contextos periféricos. Em outras palavras, faz-se, cada vez mais, imprescindível conceber a linguagem a partir dos fluxos moleculares da contemporaneidade, partindo da voz de uma Linguística Aplicada mais dinâmica, que se preocupe com problemáticas reais comuns ao cotidiano dos sujeitos sociais.

Viva a Palavra Program as unlearning space: an exercise in cultural pragmatics

ABSTRACT

In this article, we outline the perspective of unlearning (FABRÍCIO, 2006) in the scope of the Extension Program Viva a Palavra at the State University of Ceará, focusing on the praxis that moves actions that promote dialogue and integration between extension, research and teaching. In this sense, we aim to show how the Program's practices denote new possibilities of treating language as a moving plot (FABRÍCIO, 2006). To do so, we use Cultural Pragmatics as a basis (ALENCAR, 2014a/b, 2015), understood as a way of doing Indisciplinary Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2006) starting, thus, from the possibility of unlearning. This perspective has contributed to the construction of new approaches to the critical studies of language by turning more dynamically and sensitively to the everyday problems of historically situated subjects. Considering that the actions of Viva a Palavra are based on the cartographic method, which accompanies ongoing processes, we understand that these actions build research (extension and teaching) participating in a political and ethical process. Thus, unlearning consists of learning other ways of producing knowledge with and for subjects in the modern colonial capitalist world, strengthening decolonizing practices (SANTOS; MENEZES, 2010; GROSFUGUEL, 2010; QUIJANO, 2005; FREIRE, 2007, 2013) and reexistence (SOUSA, 2011) in and through language.

KEYWORDS: Viva a Palavra. Unlearning. Cultural Pragmatics.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana N. Pragmática cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. *In*: RODRIGUES, Marília Giselda *et al.*, organizadoras. **Discurso**: sentidos e ação. Coleção Mestrado em Linguística, 10. São Paulo: Universidade de Franca, 2015, p. 141-162.

ALENCAR, Claudiana N. Pragmática Cultural: uma visada antropológica sobre os jogos de linguagem. *In*: SILVA, Daniel N.; FERREIRA, Dina M. M.; ALENCAR, Claudiana N. **Nova Pragmática**: Modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014a, p.78-100.

ALENCAR, Claudiana N. **Por uma pragmática cultural**: Cartografias descoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano (PRAGMACULT). Fortaleza: Mimeo, 2013.

ALENCAR, Claudiana N. **Programa Viva a Palavra**: Circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza. Fortaleza, Mimeo, 2014b.

ALENCAR, Claudiana N. **Linguagem e medo da morte**: Uma introdução à linguística integracionista. Fortaleza: EdUECE, 2009.

ARROJO, Rosemary; RAJAGOPALAN, Kanavillil. A crise da metalinguagem: Uma perspectiva interdisciplinar. *In*: GRUPO DE ESTUDOS LINGUISTICOS, 34, 1987, [S. l.]. **Anais...1987**.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34.

FABRÍCIO, Branca Falabela. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”. Redescrções em curso. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Coordenação e Tradução de Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2016.

FERREIRA, Dina Maria Martins. ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Por uma nova pragmática emancipatória. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S.l.], v. 52, n. 2, p. 271-285, abr. 2016. ISSN 2175-764X. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645375>. Acesso em: 27 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Pacientes impacientes. *In*: Ministério da Saúde. **Caderno de Educação Popular em Saúde**. Volume I. Brasília – DF, 2007. p. 32-45. Disponível em: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/conteudo/midia/arquivos/caderno-educacao-popular-saude-p1.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *In*: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

LÍBANO, Maiara. **Sobre mapas, piratas e tesouros**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://poscom.com.puc-rio.br/arquivos/pdfs/2011/entremeios/Sobre_mapas_piratas_e_tesouros_Maiara_Libano.pdf. Acesso em: 03 set. 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica. Interrogando o campo como linguista aplicado. Introdução. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-44.

MOURA, Ana Célia Clementino; MELLO, Dilma Maria de. Aprendizagem Cooperativa no Ensino Médio: histórias de quem conviveu com essa abordagem de ensino. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 533-549, jan./jun. 2017.

PINTO, Joana Plaza. Hegemonias, contradições e desafios em discursos sobre língua no Brasil. *In*: CORREA, D. A. **Políticas linguísticas e ensino de língua**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014, p. 59-72.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova Pragmática: Fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 296p.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Prefácio. *In*: SILVA, D.; ALENCAR, C.; FERREIRA, D. (Orgs.). **Nova Pragmática: Modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p.11-14.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A pesquisa política e socialmente compromissada em

pragmática. *In*: SILVA, D.; ALENCAR, C.; FERREIRA, D. (Orgs.). **Nova Pragmática: Modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p.101-128.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: Linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p.15-22.

RESENDE, Ana Catarina Zema de. **Direitos e Autonomia Indígena no Brasil (1960 – 2010)**: uma análise histórica à luz da teoria do sistema-mundo e do pensamento decolonial. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História, Brasília, UnB, 2014.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica. Privação sofrida e leveza de pensamento. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 253-276.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula [Orgs.]. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: Poesia, grafite, música, dança: *Hip-Hop*. São Paulo: Parábola, 2011.

SOUZA, Maria das Dores Alves. **A influência do pensamento político-pedagógico freireano na práxis de educadores populares cearenses na década de 1960**. 127 f. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

